

POVO ALGAR

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Director, Editor e Proprietário:
Manuel Virgínio Pires

Povo Algarvio - Tavira

Ex.º Sr.

Biblioteca Nacional
Serviço de Depósito Legal

Redacção e Administração - Rua Dr. Parreira, 13 - Telefone 127 - TAVIRA - Composição Impressão - Tipografia «Povo Algarvio» Telef. 266 - TAVIRA

PÁSCOA CRISTÃ

NAQUELA fresca alvorada de Primavera, quando as mulheres foram levar, ao Suplicado, as essências e ervas aromáticas, chegando ao posto de José, viram aberta a horta do Sepulcro.

Não diz a História que ela, alguma vez, se tivesse tornado a fechar. A entrada do reino das sombras abriu-a Cristo de par em par e dele fez o átrio do Reino das claridades eternas, a ponte que, da vida efêmera, dá acesso à vida que não finda.

Tudo em volta o prometia já, e só o homem, ceigo do trágico desespero do fim, não sabia ler o livro da lei, escrito no mundo!

Porque se apaga uma luz, não se apaga a Luz. Porque um dia finda, não finda o Dia. Porque desaparece uma vida, não desaparece a Vida.

É este fluir contínuo que dá vida à vida, o Inverno agreste que traz nos braços, adormecida, a Primavera que a seu tempo desperta, a noite embreada de treva que se abre na alvorada, a flor despojada da maravilhosos corola de seã que nos promete o fruto rescedente e carnudo, a amargura da decadência que se fez arauto do renascimento.

E o homem continua guardando em si a essência duma amargura sem praias que se dilue às vezes na pequena taça duma alegria passageira para logo voltar a crescer, transbordante e imensa.

Como as mulheres que, dirigindo-se ao Sepulcro levavam entre os braços o vaso selado, seguimos na vida levando também ao peito a nossa ânfora de barro. Tal qual elas, pisamos os caminhos do mundo, em demanda de Cristo, tal qual elas, esperamos o encontro com Deus, no Sepulcro.

Até lá, bem guardada entre as dobras tormentosas do nosso manto tecido de lã parda, onde se cruzam os fios brancos do bem com os fios negros do mal, a urna de argila vai conchegada ao peito.

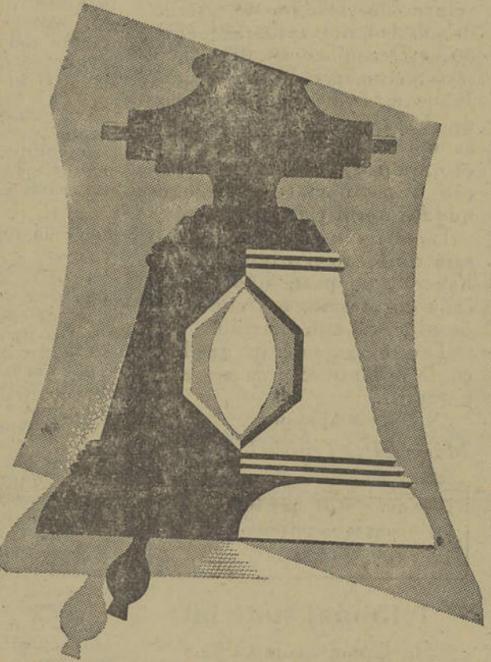
Levamos nela a mirra das nossas amarguras, a essência dos nossos pobres dons de espírito, a doçura melada da nossa aceitação e nada mais se vê que a fragilidade do coração humano, agora triste, daqui a pouco exultante ora cheio de esperança, logo tristemente vazio.

A Páscoa judaica dizia respeito às gentes de Israel. A Páscoa cristã, cheia de alegria irradiante, ilumina todas as montanhas, todos os vales, todos os oceanos e cavernas, porque encontra o seu comburente em todos os corações e em todas as almas, trazendo-nos

a alegria de termos nascido e a esperança de partilharmos com Cristo a Sua maravilhosa Ressurreição.

Cada homem segreda-lhe a sua prece, cada povo canta-lhe o seu hino. Pelos prados acen-

Continua na 2.ª página



Câmara informa!

FOI adquirida ao sr. José Picoito Júnior, uma parcela de terreno do seu prédio sito na Rua Tenente Couto, desta cidade, para efeitos de ser urbanizado na Horta d'El Rei;

FORAM adquiridas ao sr. Sebastião Gonçalves e família 3/4 partes de prédios sitos na Rua Poeta Isidoro Pires, desta cidade, para efeitos de demolição, com destino a acessos da Horta d'El Rei.

VAI ser adquirido ao sr. António do Livramento Pires, um prédio que possui na Rua Poeta Isidoro Pires, desta cidade, também destinado a demolição para arruamentos da Horta d'El Rei.

PELO Estado foi concedida a comparticipação de 115000\$00, destinada à obra de «Reparação do Bairro Municipal para Famílias Pobres (Bairro Jara) - 4.ª Fase.

POR despacho de Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas, foi aprovado o projecto urbanístico do Hotel a construir na Horta d'El Rei.

TERMINA no dia 31 do corrente mês, o prazo para a obtenção de licenças e registos de canidões. Findo este prazo as licenças só serão concedidas mediante o pagamento da respectiva multa.

COMUNICA-SE que nos prédios abrangidos pela zona dos Monumentos Nacionais não podem ser colocados estores plásticos pintados com cores que não sejam primeiramente submetidos à aprovação da Câmara Municipal.

A EMIGRAÇÃO

REPRESENTA PARA O PAÍS UM GRAVE PROBLEMA QUE URGE SER ESTUDADO E DIZ RESPEITO À AGRICULTURA

SE emigrar fosse como passar do Alentejo para o Algarve, quem estaria em Portugal?

Sempre nos interessaram os problemas que dizem respeito não só ao Algarve, mas a todo o Portugal, assim comparilhando do grave problema que é a emigração dedicamo-nos presentemente a inquirir quais as causas que levam multidões a escolher a emigração, quer clandestina ou não, e encontramos problemas relacionados com a agricultura e também com a indústria. Exemplificando diremos que se trata dum círculo-vicioso de delicada solução.

Por muito que apregoemos o contrário, nós Portugueses da Metrópole, vivemos presentemente uma crise de nível de vida geral. Se a agricultura sofre duma doença gravíssima, a indústria sofre de duas ou mais.

Numa opinião muito nossa diremos que é necessário uma reforma agrária. Depois o equilíbrio da indústria, etc.

Que terá tudo isto a ver com a emigração, dirão? Claro que

tem, é até a única origem do mal.

Se o motor da agricultura falhar, fará gripar o da indústria, e a emigração será necessária, eis a questão.

A maioria das colheitas recolhidas pelos pequenos e médios proprietários geralmente mal paga o trabalho. Porquê? A esta pergunta responderemos com outra: - Há quantos anos se mantêm sem grandes oscilações os preços dos cereais? Sim, seria bom que o seu preço não fosse aumentado, mas não esqueçamos que há apenas cinco anos o trabalhador rural ganhava somente dezoito escudos diários e hoje ganha trinta, o que representa um aumento de 40%. É certo que foi merecido e era necessário esse aumento, mas se antes o agricultor encontrava dificuldades, agora, só pode encontrar uma crise.

A princípio o agricultor tenta equilibrar a sua vida, sacrifica tudo na esperança dum futuro melhor, mas eis que se afunda dia a dia, então procura a salvação, até porque todo o animal nasce com instintos de defesa, e, olhando o exemplo do vizinho ou parente, só vê um solução: emigrar.

Continua na 4.ª página

A Comemoração do 34.º Aniversário da Casa do Algarve

COM grande elevação e concorrência realizou-se em 22 do corrente a comemoração do 34.º aniversário da Casa do Algarve e o 18.º do seu ressurgimento. O facto foi especialmente assinalado com o descerramento de uma lápide de homenagem aos presidentes honorários, que deu lugar a um breve discurso do Presidente da Direcção sr. Dr. Américo Furtado Mateus.

Administração Geral dos C.T.T.

INFORMAÇÃO

O nosso jornal publicou, no seu número de 12/1,964, uma local em que apela para os C.T.T. no sentido de ser criada a distribuição domiciliária de correspondência no lugar de Altura e, bem assim, que seja dotado com o serviço de registos e encomendas o posto de correio de 2.ª classe ali existente. Informa a Administração Geral daquele organismo que o problema relativo à distribuição domiciliária de correspondência está anotado, para oportuno estudo em local logo que as circunstâncias o permitam.

Quanto à elevação de categoria do posto não pode ser encarada, porque o actual encarregado não aceita o serviço de registos e encomendas e não é possível encontrar quem o queira substituir.

Algarve, deram valioso contributo, para a sua fundação, ressurgimento e projecção, de maneira tão relevante que é legítimo perpetuar os seus nomes como exemplo às gerações vindouras, de bem servir a causa regionalista, o mesmo é dizer a província do Algarve.

Importa referir, em primeiro lugar, sem que este facto traduza a ideia de se pretender realçar mais este ou aquele nome, porque todos os homenageados são credores do mesmo grau de gratidão e reconhecimento da Casa do Algarve, o nome prestigioso do sr. Dr. Amadeu Ferreira de Almeida, que uma doença pertinaz retém numa enfermaria do Hospital Curry Cabral afastando-o do nosso convívio, e impedindo-o de tomar parte nesta solenidade, para receber pessoalmente esta homenagem.

O sr. Dr. Ferreira de Almeida, que se fez representar aqui pelo 1.º Secretário da Direcção, sr. Joaquim António Nunes, é um antigo diplomata e escritor de grades méritos que no estrangeiro, soube sempre com o mais elevado apuro e dignidade honrar e enaltecer o seu País.

A sua obra nesta Casa está ligada ao seu ressurgimento em 1946 como figura do maior relevo nesse movimento de re-fundação, partindo do nada

até nos deixar a actual sede da Casa do Algarve.

Nessa difícil tarefa empregou toda a sua inteligência e energia, e contribuiu com móveis e avultadas importâncias em dinheiro, para consubstanciar uma ideia que talvez não tivesse vingado se não fosse a especial dedicação e as excelentes relações pessoais que a sua distinta personalidade cativava.

Todos nós, nos sentimos pesarosos, pela sua ausência, que esperamos seja curta e lhe desejamos, muito sinceramente, as mais rápidas melhoras.

Continua na 4.ª página

Visitação das Igrejas

Há 3 anos Tavira reatou esta tradição, que há tempo fora suspensa. Na quinta-feira santa, à noite, os templos foram visitados por centenas de fiéis que ali rezaram as suas orações.

Muito embora a afluência de público nos dê hoje uma pálida imagem dos tempos de outrora todavia esse movimento anima a cidade e faz-lhe recordar os tempos áureos das vistosas e artísticas iluminações das suas igrejas que eram visitadas pela procissão dos painéis.

Este ano salientou-se a igreja da Ordem Terceira de S. Francisco, que nos deu um reflexo desse passado.

É pena que se vá perdendo o bom gosto pelas ornamentações das igrejas nesta quadra da Semana Santa.

TAVIRA RELIGIOSA



Um aspecto do altar-mór da igreja do Carmo

VALE SEMPRE A PENA

Um conto de Maria Victor

CHOVIA torrencialmente! Sentado numa pedra, enegrecida pelo tempo, olhava tristemente; aquelas chuvas arrastariam quantas barracas feitas de colmo como a sua!

Agora já não seria arrastada como naquele ano.

Contra aquela rocha escarpada, servia-lhe durante as tempestades inclementes, e tantas foram elas, de muralha!

As suas pernas já mal tinham a força de o arrastar. Tinha ido para ali jovem cheio de esperanças. Descia ao povoado vendia os seus produtos, que pela maior parte eram ervas medicinais, e alguma caça, e com esse dinheiro adquiria o necessário a sua vida solitária.

Mas sempre teve esperança de constituir uma pequena família.

Quando se aproximava de alguma rapariga esta fugia horrorizada chamando-lhe feitiçeiro. E porquê? Sim compreendeu um pouco tarde; o feito de viver numa barraca e esta nunca ter sido arrastada pelas chuvas era a razão para ser tido por um génio mau.

E assim envelheceu. Não valia a pena perserverar a vida, pois que para nada lhe servia.

Os pensamentos do ancião eram angustiosos, como a tempestade que rugia.

Pela porta entreaberta, e através da cortina que a chuva fazia, pôde ele distinguir, como num pesadelo, seres humanos que se agarravam desesperadamente aos rochedos para manterem o equilíbrio que o vento teimava em lhes tirar.

Não estaria sonhando? Ou seria a sua imaginação de solitário que lhe pregava uma partida? Percutiu os rochedos abruptos e... na verdade lá estavam agarrados por milagre, aquelas almas em perigo de morte, a força taltava-lhes a cada instante, o instinto de conservação era bem maior, mas quanto tempo poderiam eles ainda manter-se? Sim, pois subir, isso era impossível. A água que descia vertiginosamente, o vento e os limos tudo isto tornava a ascensão impossível.

Mas ali estava o ancião como que paralizado, fascinado pelo horror de ver morrer aquelas vidas e, ele já velho nada podia fazer. Nada? A voz da consciência grita-lhe corre Bem Rabahl porque esperas? Eu te ajudarei, pega nessa corda que pacientemente tens feito, e vai com ela salvar os que de ti dependem. Reune as tuas forças, pois que ainda as tens. Corre! Hesitas?

Numa corrida quase louca, corrida que nessa manhã ainda, ele julgava-se incapaz. Enrolar a corda a um carvalho que como uma sentinela marcava o limite do precipício, foi um segundo. Em seguida ele próprio amarrou a mesma à cintura, e si-lo que desce, apesar das seus setenta e tal anos. Seja o que Deus quiser.

A ascensão foi dura, terrível, quase se parecia a um suicídio.

Mas graças ao Grande Onipotente ali estavam todos sãos e salvos.

Um reconfortante fogo aquecia, e iluminava aquelas paredes e... todos os corações dos que ali se encontravam.

O ancião sorria dizendo como só para si. Bendito seja todo o poderoso! Julguei que já não servia para nada! Eu vos agradeço Senhor! Estas frases foram seguidas do gesto bem característico muçulmano, dando graças a Deus. Rosto

virado para o nascente, e a mão direita erguida na mesma posição.

A mais jovem do grupo era uma rapariga de dezoito anos, curiosa, ousada, mas bondosa.

Escutando atenciosamente estas palavras, apesar de ser uma estudante francesa, em férias, conhecia os segredos desta língua que os companheiros desconheciam.

Então a «Sidi» porque falas como que reconhecido dum bem que, foi todo para nós? -- Para vós donzela? Não! O bem é todo meu.

— Como assim? Retorquiu a alegre cachopa.

— Ouvia Já estou velho e antes de acabar, sempre gostei de fazer alguma coisa de bom. Deus permitiu-me hoje.

Naqueles olhos envelhecidos pelos anos, brilhava uma chama de felicidade que não passou despercebida à jovem europeia.

— Conta-me a tua vida, sim? Alguma coisa de muito doloroso trazes a oprimir-te a alma, que é? Os dois olhares cruzaram-se pela mesma amargura, as lágrimas inundaram-nos.

— Eu conto-te: Deveria ter quinze anos, calculo, pois nós não sabíamos contar como vós os europeus, os anos.

Meus pais puzeram-se a caminho da cidade, pois a nossa terra estava faminta.

Havia três anos que não chovia e tudo morria.

Mas os recursos eram escassos, a febre atacou o meu pai, e tivemos que parar pois dois dias depois o meu pobre pai acabava o seu penar.

Foi a vez de minha mãe também cair doente.

As febres atacavam impiedosamente os fracos.

E nós estávamos famintos. Conseguí arranjar um pouco de trabalho e com o que ganhava, comprava alguns alimentos para minha pobre mãe que nem sequer podia levantar a cabeça.

Dois dias depois, partiu também exausta de sofrer.

Ficou-me a minha Radijah que bebé ainda, sorria a todos, deitando as mãozinhas inocentes como a pedir pão.

Quis lutar, trabalhar por ela.

Mas os muçulmanos não são maus, não; mas compreendem mal o seu semelhante.

Para eles, eu era o enviado do mal; meu pai e mãe, morreram, eu era como maldito. Tinha de sair daqueles sítios.

A mais pequena ajuda foi-me recusada.

Eis-me de novo a caminho. Para onde? Até encontrar boas almas.

Chegamos a uma aldeia, arranjei trabalho, e consegui alimentar a minha irmãzinha. Eu era pastor. À noite recolhia à nossa cabana, fazia o chá, dava-o à Radijah que já era crescadinha.

Comecei a deixá-la na barraca, pois tinha sete anos, já sabia fazer alguma coisa, e era menos fatigante para ela, que caminhar todo o dia.

Assim ia a minha vida. Aquele afecto da minha irmãzinha acalentava-me a alma. Mas uma noite ao voltar, tocando alegremente a minha flauta de pastor para prevenir Radijah que estava a chegar, não ouvi a sua inocente vozinha que me chamava cantando.

Que teria acontecido? Nada de certo! Como eu estava pessimista. A felicidade fazia-me descrente! Pensei.

Apressei o passo.

Já não tocava; quase corria. Nem sequer me lembrei que podia perder algum cordeiro.

Ao passar pelo «Douar» povoado, vi quase tudo em cinzas ainda quentes.

Tudo estava deserto. Que se passava?

Chamei, gritei, corri, mas ninguém me respondeu.

Então cheguei ao local onde tinha sido por sete anos o meu lar.

E... só encontrei cinzas ardentes. A dor, e a esperança adormeciam o meu desespero.

Procurei até ao amanhecer a minha Radijah, a minha razão de viver.

Tudo foi em vão! Ninguém ali estava.

Ao romper do sol, rodeado pelo rebanho que era responsável, abandonadas como eu, as ovelhas, procuraram-me e sentiam-seem segurança.

Para mim, era uma amizade que me confortava.

Então alguém acercando-se de mim, disse-me: Eles vieram! Era um bando a cavalo. Terríveis, ferozes, roubaram-nos, espancaram-nos, e incendiaram a nossa pobre aldeia. As crianças e raparigas levaram-nas. Não sei Talvez as matassem. Puz-me a remexer as cinzas talvez encontrasse ali o cadáver de minha irmãzinha. Tudo inútil.

De novo pus-me a caminho, tentando encontrar os bandidos. Estava escrito, devia beber a última gota do fel, contido na taça do destino.

A Primavera tinha passado e o Verão anunciava-se escalante. Estava no cimo duma colina e uma fumarada no val, fez-me estremecer e correr para lá.

Os bandoleiros tinham feito o mesmo aquela pobre gente. Alguns metros antes de ali chegar, deparei com o maior horror da minha vida.

A minha Radijah cortejada orbitas vazias, cabeça decaída, todo o seu corpinho jazia num lago de sangue e pó.

Fugí. Para voltar em seguida, dando sepultura aquela pobrezinha inocente, vítima da infame crueldade dos homens.

Errei ao sabor do tempo, não sei quantos invernos ou quantos verões. Fixei-me na planície, mas as chuvas torrenciais levaram-me tudo, assim como a todos os outros que ali viviam. Um dia cheguei a estas rochas num dia de sol em que tudo brilhava como ouro.

Pus-me a colher ervas e ia vender ao povoado com algumas cordas que fazia, como essa com que vos ajudei a chegar, aqui.

Meu pai era Marohu e conhecia as espécies de ervas que curam diferentes doenças. Em breve fui conhecido pelo nome de feitiçeiro da montanha. Quando um dia quis ter uma família procurei uma rapariga.

Todos me viraram as costas. Riam e diziam: O feitiçeiro da montanha. Que horror!

Deixei-me envelhecer. Chorando, e sem coragem para lutar, deixo-me morrer, e penso.

Não vale a pena viver! Eis a pobre história dum solitário, para não ser vagoabundo.

— Não diga que não vale a pena viver!

Vale sempre a pena. A sua acção de hoje, foi bela, grande. Deus deu-lhe força para cumpri-la, é para vos provar que não é inútil o viver mesmo isolado; e isso o provaremos nós, sim porque a partir de hoje virá viver conosco e será o nosso maior amigo e conselheiro. Sim porque a sua experiência vai ajudar-nos bastante.

Combinado? Os camaradas aplaudiram com entusiasmo. Todos vieram abraçar o an-

Páscoa Cristã

Continuação da 1.ª página

dem-se flores, as árvores levantam nos braços rudes a oferenda sagrada do ninho onde as aves nuelas soltejam trilhos ainda mal pipilados.

De um horizonte a outro horizonte, a manhã, correndo no céu, em vozes de oiro, anuncia a Páscoa que, como um sol radioso entra na grata misteriosa do nosso viver humano para nos lembrar a Primavera eterna que veremos, um dia, nas suaves colinas da Terra Prometida.

Cartório Notarial de Tavira

Certifico narrativamente para efeitos de publicação:

Que por escritura lavrada neste cartório em 21 de Março de 1964, de fls. 41 v.º a 43, no Livro N.º A-16, de «Escrituras Diversas», foi declarado habilitado como único herdeiro do remanescente de todos os bens, direitos e acções de José Tomás Pires Correia de Azevedo, major do exército, reformado, falecido no estado de solteiro, nesta cidade, no dia 30 de Dezembro de 1930, com testamento cerrado, seu irmão, Joaquim Tomás Pires Correia de Azevedo, proprietário, casado com Maria da Encarnação Simões Pires, com convenção ante-nupcial e residente que foi nesta cidade.

É certidão de narrativa e está conforme o original, nada havendo na parte não certificada do mesmo, em contrário ou além do aqui narrado.

Tavira, vinte e cinco de Março de mil novecentos sessenta e quatro.

A Ajudante,

Maria Elete Teófilo Lopes Dias

Evite que o seu filho contraia certas doenças vacinando-o contra elas

Tribunal Judicial da Comarca de Olhão

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Por este Juízo de Direito e Primeira Secção de Processos da Comarca de Olhão, correm editos de Trinta Dias contados da segunda e última publicação deste anúncio, notificando o réu ANTONIO DOS SANTOS BOLAS, casado, agricultor, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Luz de Tavira, de que por despacho de oito de Novembro último, foi ordenado o arresto num automóvel marca Fiat seiscentos D, número EI traço quarenta e nove traço oitenta e três, nos autos de justificação de arresto que Joaquim Casimiro Dias, casado, proprietário, residente na Quinta dos Murtais, freguesia de Moncarapacho, desta comarca move contra o notificando e mulher Gertrudes dos Reis Páscoa, doméstica, residente na herdade da Capaça, Alfundão.

Olhão, 13 de Março de 1964

O Escrivão de Direito

a) Francisco de Oliveira
Martinho

Verifiquei:

O Juiz de Direito

a) Manuel Soares Caramujo

ção que limpava furtivamente uma lágrima teimosa tentando seguir o sulco feito por tantas outras que ali tinham amargamente corrido.

Mas esta era de felicidade, tinha encontrado uma família, a tempestade trouxe-lhe, o que a maldade dos homens lhe tinham roubado.

Maria Victor

Torneio de Damas

na Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro de Tavira

Com o fim de dar devido incremento ao clássico «Jogos de Damas», deliberou a Direcção da Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro de Tavira, integrado na sua Secção Recreativa, promover entre os jogadores da modalidade, residentes neste Concelho, um torneio de damas a realizar na sua Sede durante o período de 15 de Abril a 26 de Maio do corrente ano, para disputa da Taça Orfeão.

Aos 2.º e 3.º classificados serão atribuídas 2 medalhas.

REGULAMENTO

Da Inscrição — 1.º É permitida a inscrição para este torneio a todos os indivíduos maiores de 17 anos, de ambos os sexos residentes no Concelho de Tavira, sócios ou não sócios da Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro mediante o pagamento de 20\$00 no respectivo acto.

2.º — A inscrição considerar-se-á encerrada às 22h. do dia 12 de Abril de 1964.

3.º — A desistência de qualquer inscrito, antes ou depois do torneio, não dá direito à restituição da importância da inscrição, o mesmo acontecendo aos concorrentes que, por motivos de força maior, tenham que ser expulsos da prova.

Do Torneio: 1.º — Este torneio terá início no dia 15 de Abril (Quarta-feira), pelas 21h. e terminará quanto todos os concorrentes se tenham defrontado entre si, em primeira e segunda volta, de acordo com o calendário dos jogos.

2.º — Considerar-se-á vencedor o concorrente que, no final do torneio, obtiver maior número, de pontos, os quais se obtêm da seguinte maneira:

Victória . 2 pontos
Empate . 1 »
Derrota . 0 »

3.º — O Calendário para o Torneio será elaborado, por sorteio a efectuar após o encerramento das inscrições, na presença dos concorrentes que desejarem assistir e por um júri previamente nomeado pela entidade organizadora.

4.º — O Torneio será disputado por partidas de 6 jogos em cada volta, considerando-se vencedor da partida o concorrente que maior número de jogos ganhar.

5.º — Com vista a futuros campeonatos da modalidade, os concorrentes que no final, obtiveram 50.º inclusivé, ou mais, na pontuação total, considerar-se-ão de 2.ª categoria e os restantes de 1.ª categoria.

6.º — Como o Regulamento Nacional de Damas, no seu N.º 1.º, não fixa o tempo máximo de duração para cada muda, opta-se por 5 minutos devendo o árbitro da partida, decorridos 2 minutos, avisar do tempo que falta e a 10 segundos do fim passará a contar até 10, de forma a ser ouvido por ambos os jogadores. Se ao soar o último número — 10 — a muda não tiver sido efectuada, o árbitro dará por findo o jogo, atribuindo derrota ao jogador que não tenha efectuado o lance.

7.º — Se, no final do torneio, houver concorrentes com o mesmo número de pontos, terão os mesmos que disputar, entre si, uma partida de 4 jogos. Se, mesmo assim o empate persistir, haverá prolongamento até à 1.ª vitória. Estes desempates definem posições entre os respectivos concorrentes empatados e não marcam pontos.

8.º — A todo o concorrente que, sem motivo justificado, não comparecer à hora marcada ser-lhe-á atribuída derrota, cabendo a vitória ao respectivo adversário.

9.º — Qualquer caso omissão neste Regulamento e não previsto no Regulamento Nacional de Damas, será resolvido pelo júri.

10.º — Se no decurso do torneio se verificar alguma desistência ou expulsão marcam pontos, por falta de comparência do adversário, os concorrentes que não tenham ainda jogado com desistente ou expulso.

11.º — As deliberações do júri serão soberanas e sobre elas não poderá haver reclamações.

Horário dos Comboios

Zona Sul

Previne-se o público de que, a partir de 1 de Abril próximo, são feitas diversas alterações ao horário em vigor nesta zona, pelo que os interessados devem consultar os novos cartazes-horários, já afixados nas estações.

Cebolinho Valenciano

Vende, Pedro Gil Carneira, Sítio da Cativa — Conceição de Tavira.

O aniversário da Casa do Algarve

Continuação da 4.ª página

pelo esforço e pela prática, mas só se observarmos esta condição; a de procurarmos agir de maneira a satisfazer e auxiliar os outros, mesmo que para tanto, tenhamos de sacrificar as nossas próprias ambições».

Como paradigma de tal linha de conduta, melhor exemplo não encontro, Senhor Presidente da Direcção da Casa do Algarve, do que as nobres palavras com que nos acaba de saudar. Pela galhardia do sentimento que as ditou, o meu entusiástico *bem haja!*

Que se pretende, porém, com o descerramento, em mármore, dos nomes dos actuais presidentes honorários desta instituição? Pretende-se apenas perpetuar, como exemplo, a recordação de serviços prestados?

Muito sendo isso já, na verdade, bem pouco seria ainda, se mais se não impuzesse. É que os preitos em vida devem sempre envolver uma medida dupla de obrigações: — cabe, por eles, ao preiteado, não só tacitamente manter o culto da obra ou função de que se torna dignitário, mas também constituir lição permanente de presença espiritual.

É a aval dessa presença que tenho a honra de testemunhar à Direcção o nosso vivo reconhecimento pelo significativo festivo deste acto.

Que ele seja mais um elo a estreitar os laços de cooperação da família algarvia — sempre a bem do Algarve e da sua Casa Regional em Lisboa!

Momentos depois iniciou-se com 60 convivas, no salão nobre da Casa do Algarve, o almoço de confraternização anunciado.

Defenda-se vacinando-se contra certas doenças tais como: Varicela, Tétano, Difteria, Coqueluche e Paralisia. Todas as vacinações são feitas gratuitamente nas Sub-delegações de Saúde, nos dias úteis.

Tribunal Judicial
Comarca de Tavira

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Pelo Juízo de Direito desta comarca corre édito de 30 dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citado o réu, Eduardo Rodrigues Camacho, casado, proprietário, ausente em parte incerta da Argentina, com última residência conhecida no Arroio, freguesia da Luz desta comarca, para no prazo de dez dias, posterior àquela dilação dos éditos, contestar, querendo, a acção especial de arbitramento que contra si e sua mulher, Isabel da Conceição, lhe movem os autores Fernando Evaristo Brinca e mulher Maria Amélia da Silva Raimundo, sob pena de se proceder à adjudicação ou à venda imóvel seguinte: Prédio urbano terreno no sítio do Arroio, Freguesia da Luz, desta comarca, que consta de quatro compartimentos e quintal, e que confronta do nascente com António Martins Neves, norte com a estrada nacional, poente com Isabel da Conceição, do sul com João Pires Soares; não descrito na Conservatória do Registo predial e inscrito no respectiva matriz sob o art.º 693, com o valor matricial corrigido de 2 496\$00

Tavira, 13 de Março de 1964

O Escrivão de Direito

Sebastião Baptista Leiria

O Juiz de Direito

João Carlos Leitão Beça Pereira

Dos Livros

As Vitaminas
por Pernele Danysz

A noção de vitaminas é actualmente corrente; durante estes quinze ou vinte últimos anos ganhou uma simpatia progressiva. Há poucas pessoas que não conheçam a significação e a importância das vitaminas na nossa alimentação. O termo entrou na linguagem habitual: — quer se trate de produtos farmacêuticos, comprimidos vitaminados, ou vitaminas acrescentadas a um medicamento qualquer; certas conservas alimentares em que se afirma que tal ou tal vitamina foi preservada na sua forma activa, ou acrescentada em quantidade suficiente; enfim, nos nossos jornais familiares, sob a forma de publicidade ou de artigos.

Em suma, toda a gente tem a impressão de estar ao corrente. Ora a grande difusão dos conhecimentos sobre as vitaminas esconde uma grande falha: assunto mais que batido em certas facetas a questão das vitaminas é, noutras, um dos problemas mais fascinantes e menos acessíveis das pesquisas biológicas modernas. Tradução de Alexandre Elias Editorial Estudos Cor, 91 páginas, ilustrado, Esc. 20\$00.

Estalinegrado até ao último cartucho
por Heinz Schroter

Este livro foi escrito pela primeira vez em 1943, a pedido de Goebbels e em nome de Adolfo Hitler, com base em todos os documentos publicados ou secretos do Alto-Comando Alemão. A história das vinte e duas divisões que não voltaram horrorizou o ministro da Informação e Propaganda, e compreende-se que tenha dito: «O povo alemão não suportará este relato».

Duzentos e vinte mil soldados que supunham ir passar a Estalinegrado uma semana ou um mês, ficaram ali para toda a eternidade. Cento e vinte e três mil dentre eles tomaram o caminho do cativeiro. Tal é o resumo dramático de uma das maiores batalhas da história.

Quase vinte anos depois do fim da guerra, a batalha de Estalinegrado ainda assombra a memória dos que a viveram e a imaginação dos que dela apenas sabiam o que aos comunicados militares convinha dizer. Pela primeira vez se faz um relato objectivo do que foi esse longo pesadelo. Escrito por um alemão que, na qualidade de correspondente de guerra, acompanhou o 6.º exército, não se procuram nele justificações, nem se faz a defesa dos responsáveis pela inominável matança. Estalinegrado não foi uma necessidade militar, mas um erro do Alto-Comando Alemão. Erro a decisão de Hitler de proibir a retirada imediata, quando ela era ainda possível. Como quer que seja, a batalha de Estalinegrado representou o toque de finados das ambições alemãs, o princípio da derrocada do nazismo.

Neste livro de sombras, nestas páginas de horror, pode o homem de hoje encontrar mil razões para detestar a guerra. Mesmo que outro mérito não tivesse, esse bastaria para que o lessem os homens de boa vontade. É a esses, e não aos sedentos de domínio, que o autor se dirige, porque é sobre esses que repousam as esperanças de paz da humanidade.

Tradução de Fernanda Pinto Rodrigues.
Editorial Estudos Cor, 252 páginas, ilustrado, 35\$00.

A Europa do Mercado Comum
por Pierre Drouin

No dia 1 de Janeiro de 1963, a Comunidade Económica Europeia celebrou o quinto aniversário da instalação das suas instituições em Bruxelas. Menos de um mês depois, enfrentava a sua primeira crise grave, provocada pelo facto de a França se recusar, contra a vontade dos seus cinco parceiros, a prosseguir as negociações respeitantes à adesão da Inglaterra. Apesar de tudo, no fim deste ano, o Mercado Comum terá concluído metade do tempo de experiência que lhe foi aprazado antes de atingir a sua maioridade, ou seja o momento em que as mercadorias, as pessoas e os capitais circularão tão livremente entre Roma, Paris e Bona como entre quaisquer cidades dos países que constituem o mesmo Mercado Comum.

Nascida do veemente desejo dos Europeus de selar a reconciliação franco-alemã e de trabalhar numa área não compartimentada de fronteiras, a Comunidade Económica Europeia deu já as suas provas em muitos sectores: desenvolvimento aduaneiro, nova «chicotada» industrial, olitica agrícola comum, etc. Falta-lhe ainda, é certo, muito caminho a percorrer para que se exprima espontaneamente esse «querer viver juntos» dos povos que «onduzirá talvez, um dia, a uma verdadeira Federação Política. Seja como for o Mer-

NECROLOGIA

D. Isabel Vaz Soares

Faleceu em Lisboa, onde fora consultar a medicina, a sr.ª D. Isabel Vaz Soares, viúva, de 69 anos de idade, natural de Alcoutim e há muitos anos residente em Tavira.

A falecida era mãe da sr.ª D. Benilde Vaz Soares Barqueira, esposa do sr. Manuel Barqueira, comerciante nesta cidade e irmã da sr.ª D. Clarisse Vaz e dos srs. Coronel José Rogélio da Palma Vaz e Capitão Alfredo da Palma Vaz e avó da menina Maria Flávia Vaz Barqueira, estudante de Engenharia.

Os seus restos mortais que se encontravam depositados na casa mortuária do Hospital de Santa Marta, foram transportados em auto-funebre para o cemitério desta cidade.

A sua morte foi muito sentida nesta cidade onde gozava de inúmeras simpatias.

D. Maria dos Mártires Fonseca Matos

No dia 23 do corrente, faleceu nesta cidade a sr.ª D. Maria dos Mártires Fonseca Matos, de 80 anos de idade, viúva, natural de Tavira.

A falecida era mãe da sr.ª D. Maria José de Matos Cardoso, sogra do nosso prezado amigo sr. Armando Vicente Gomes Cardoso, funcionário da Câmara, aposentado, e avó da sr.ª D. Maria de Lourdes Matos Cardoso e do sr. Alberto de Matos Cardoso.

D. Mariana de Jesus Santos

No passado dia 22 do corrente, faleceu nesta cidade a sr.ª D. Mariana de Jesus Santos, de 78 anos de idade, natural de Tavira.

A falecida era mãe dos srs. Jorge Sotero dos Santos, comerciante, José Eugénio dos Santos, Ilídio Mamede dos Santos e Alfredo Valentim dos Santos.

D. Angelina Maria da Palma

Faleceu no passado dia 22, nesta cidade, a sr.ª D. Angelina Maria da Palma, de 72 anos, natural de Vaqueiros, concelho de Alcoutim.

A falecida era mãe da sr.ª D. Maria José Palma Gonçalves de Andrade e sogra do sr. Damião Cândido de Andrade.

D. Anacleto Leiria de Brito

No passado dia 15, faleceu em Olhão, onde residia há muitos anos, a sr.ª D. Anacleto Leiria de Brito. Era natural desta cidade e mãe dos srs. Manuel Mário Leiria de Oliveira e Filipe Leiria de Brito, irmã do nosso assinante em Lisboa sr. Manuel José Leiria, sogra das sr.ªs D. Maria José Santos de Oliveira e D. Maria Vieira de Brito e avó dos srs. Gilberto Angelo Santos de Oliveira e Silvino Mário Santos de Oliveira e das meninas Ana Maria de Brito e Maria Carolina de Brito.

As famílias enlutadas endereçam os seus sentimentos pesames.

Terreno

Vende-se terreno com frente para o mar.

Quem pretender dirija-se à Redacção ou ao telefone 225 — Tavira.

Vende-se

Propriedade rústica.
Tratar com Joaquim Eduardo Fernandes, Rua 5 de Outubro n.º 27 — Tavira.

Armazém

Vende-se com a chave na mão, no Largo Jara.

Nesta Redacção se informa.

cado Comum atingiu o ponto em que se não pode voltar atrás.

Este livro, oportuno e esclarecedor, é o primeiro que sobre este assunto se publica em Portugal. Pierre Drouin, o seu autor é um conhecido especialista de questões económicas, autoridade portanto na matéria. Ao publicar «A Europa do Mercado Comum», a Editorial Estudos Cor terá prestado um bom serviço aos leitores portugueses, facultando a consulta de um livro que, além de historiar as fases da criação da Comunidade Económica Europeia, aponta também as perspectivas duma organização que terá uma importância fundamental no futuro do nosso continente. Esta obra torna sensível a singularidade da aventura europeia e ajuda a ordenar os materiais efervescentes da sua gestação.

Tradução de Alfredo Margarido. Editorial Estudos Cor, 332 páginas, Esc. 35\$00.

Notícias Pessoais

Fazem anos:

Hoje — D. Maria Vitorina Parra Viegas, D. Laura de Jesus Eustácia dos Reis, D. Custódia das Dores Viegas e o sr. Custódio Vitor Palmeira.

Em 30 — Menina Maria de Fátima Machado Bento e o sr. Manuel José Leiria

Em 31 — D. Ester Alice Rodrigues, meninas Maria da Conceição Machado, Maria Celeste da Conceição Bento e os srs. Mateus de Pádua Cruz Teixeira de Azevedo, Sebastião António da Encarnação e Armando Martins da Costa.

Em 1 — D. Almerinda da Encarnação Luzia, e os srs. Renato Júlio Peres e Renato Teodoro Agostinho Bento.

Em 2 — D. Maria Catarina Costa Gonçalves, D. Maria Teodósia Moraes, D. Maria Eduarda da Cruz Galhardo e a menina Maria Marta da Silva Rosa.

Em 3 — D. Elvira Falcão Padinha, D. Maria João da Cruz Silva, D. Maria Manuela da Cruz Silva, meninas Maria do Carmo Conceição Costa e Maria do Carmo Conceição.

Em 4 — D. Ernestina do Livramento Carvalho, D. Esmeralda Calvino Horta e D. Natércia Duarte Correia.

Partidas e Chegadas

Com sua esposa encontra-se nesta cidade onde veio passar passar as férias da Páscoa, o nosso prezado amigo sr. Dr. Arnaldo dos

Livros e Revistas

Ele — Referente a Março publicou-se o n.º 67, desta revista mensal de labores.

Dicionário de História de Portugal (ilustrado) — Com o fascículo 25 que já pertence ao 2.º volume em publicação do Dicionário de História de Portugal, (ilustrado), tão inteligentemente dirigido pelo ilustre historiador e ensaísta Dr. Joel Serrão, termina a letra «F» e começa a letra «G». Como os fascículos anteriores deste livro admirável é único na história da nossa cultura que, pela sua utilidade e altíssimo nível pode considerar-se um dos maiores acontecimentos culturais da segunda metade do nosso século, mantém uma apresentação gráfica esplêndida, com magníficas gravuras, além da habitual colaboração confiada aos maiores especialistas, tanto nacionais como estrangeiros.

Santos Lança, meritíssimo Juiz de Direito do Tribunal da Boa Hora.

— Com sua esposa e filho encontra-se passando a quadra festiva da Páscoa, em Cabanas de Tavira, o nosso prezado assinante sr. Humberto Rosa Fernandes Simão, residente no Cacém,

Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de Faro

CONVOCAÇÃO

Nos termos do disposto nos Estatutos deste Sindicato Nacional, convoco a sua Assembleia Geral Ordinária a reunir no dia 10 de Abril p.º f.º, às 20,30 horas, na Sede, Rua 1.º de Dezembro, 26-1.º, desta cidade, com a seguinte ordem de trabalho:

Aprovação do Relatório e Contas do Exercício de 1963.

Faltando o número legal de sócios, a Assembleia funcionará uma hora depois com qualquer número.

Faro, 25 de Março de 1964.

O Presidente da Assembleia Geral

a) José Gomes Pacheco

COBRANÇAS DIFICEIS

Em Lisboa e província, trata

JOSÉ PEREIRA ESTEVES

Travessa dos Arneiros, 15 r/c Esq. LISBOA - Benfica - Telef. 70 04 91

TRICANA

CARPETES · TAPETES · PASSADEIRAS · ALCATIFAS

TAPEÇARIA REGIONAL DE COIMBRA, LDA

AV. PRAIA DA VITÓRIA, 48-A (ao Monumental)

LISBOA-1

ENCOMENDAS AO GOSTO DO CLIENTE

SERVIÇOS DE LIMPEZA E RESTAURO

TELEFONES 73 63 14 - 5 15 25 - LISBOA

J. A. PACHECO

TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espoada e ramas

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

O 34.º aniversário da Casa do Algarve

(Continuação da 1.ª Página)

O sr. Major Mateus Moreno a quem eu tive a honra de suceder no cargo de presidente da Casa do Algarve, é uma figura «sui generis» oficial distinto, poeta, jornalista e escritor, basta olhar para ele e falar-lhe, para logo se ficar cativado pela extraordinária personalidade e bondade que irradia de todo o seu ser.

O sr. Major Mateus Moreno é uma figura de excepcional relevo da acção regionalista que se tem desenvolvido através da Casa do Algarve, e sem dúvida a sentinela avançada do regionalismo português idealista e divulgador das belezas da sua província, desde muito novo sentiu a necessidade de fundar em Lisboa a Casa do Algarve, como instrumento congregador de todos os esforços a empregar em prol daquela província, e ponto de reunião dos algarvios residentes na Capital, onde se pudesse fazer cultura e fomentar a arte, por meio de conferências e congressos, etc., sem descurar uma larga obra de benemerência, que aliás se tem feito através da Casa do Algarve, e que muito tem contribuído para minorar em parte a desdita dos algarvios mais desprotegidos da sorte.

O sr. Major Mateus Moreno com a inauguração da Casa do Algarve em Lisboa no dia 8 de Março de 1930, viu realizado assim, o seu primeiro sonho, mas muito lhe faltava ainda percorrer para conseguir a obra que idealizava. Sem desânimos nem fraquezas e sempre amparado pela sua enorme fé no futuro da Casa do Algarve, acabou por triunfar, realizando uma obra, mercê da sua inteligente direcção durante vários anos, à frente dos destinos da Casa do Algarve. Essa obra é tão valiosa que, hoje, ninguém, por mais afastado que tenha estado das actividades que nesta Casa se têm desenvolvido, poderá deixar de louvar e render homenagem ao sr. Major Mateus Moreno. Oxalá que Deus lhe dê ainda uma longa vida com saúde e as maiores felicidades para que possamos contar por largo tempo com a sua lúcida inteligência e o seu sábio conselho. São estes os nossos mais ardentes votos.

O sr. Dr. José de Sousa Carusca antigo professor e reitor de Liceu, e ilustre homem de foro, é outra prestigiosa figura a quem a Casa do Algarve consagra hoje a sua homenagem.

Pioneiro da sua fundação e sustentáculo da sua existência quase permanentemente sem membro directivo, tem o seu nome ligado a todos os empreendimentos de relevo que se tem verificado neste lar a que bem se pode chamar a sede social de todos os algarvios de boa vontade.

O sr. António Libânio Correia, reúne às suas excepcionais qualidades de carácter as mais brilhantes faculdades de trabalho, o que lhe permitiu guindar-se à alta posição que ocupa no comércio do nosso País. Sinceramente devotado dos problemas da sua província dispensa sempre a sua melhor atenção aos assuntos em que a sua lúcida inteligência pode contribuir para a solução adequada. É pois uma prestigiosa figura do Algarve que muito tem contribuído para dar vida e dignidade à Casa do Algarve, sendo justo realçar, o seu grande interesse pela valorização da nossa biblioteca, de que é dos seus maiores beneméritos. Muito e muito obrigado.

O sr. Coronel Eng.º Manuel Aboim de Sande Lemos, que

hoje também temos a honra de homenagear, é um dos mais fortes esteios em que se tem apoiado a Casa do Algarve através do seu já largo período de existência. A sua obra de benemerência é notabilíssima em Faro, através do Refúgio Aboim Ascensão, onde tem posto o mais desvelado carinho na sua manutenção a todos os títulos merecedora do alto apreço de todos quantos sabem admirar as manifestações de bondade do seu excelso coração.

Na Casa do Algarve, o nome do dr. Humberto Pacheco, está no lugar mais alto da galeria dos amigos devotados desta Casa. Foi ele quem materializou a ideia de criar este padrão Algarvio no coração da capital do País e ergueu o seu nome ao melhor conceito das Casas Regionais, nos anos que se seguiram à sua fundação.

Na segunda fase da Casa do Algarve, o dr. Humberto Pacheco, meteu ombros a uma empresa digna dos mais rasgados louvores — a benemerência. A acção desenvolvida por este Homem de extrema bondade, na obtenção de fundos e géneros para distribuir aos pobres nascidos no Algarve e residentes em Lisboa, por ocasião do Natal, merece a nossa maior admiração e o nosso mais desvanecido reconhecimento, que não pode deixar de ser extensivo a todos os elementos da Comissão de Beneficência.

Hermenegildo Neves Franco, representado neste acto pelo sr. Major Mateus Moreno, é outra figura de primeiro plano na actividade desenvolvida pela Casa do Algarve em prol da sua província. Espírito irrequeto perante a indolência dos que não têm sabido pôr em relêvo e aproveitar as excepcionais condições turísticas do Algarve, abraçou esta causa com toda a força do seu idealismo, com todo o amor que vota à sua terra, com toda a fé que é possível depositar no aproveitamento desse filão de riqueza nacional ainda por explorar. É por isso que o vemos junto da C. P. reclamando mais um comboio para servir o Algarve, no S. N. I. diligenciando para se activar a propaganda turística da província, insistindo na resolução de pretensões hoteleiras; tratando nos ministérios para que se dê andamento a assuntos pendentes para valorizar o turismo; escrevendo em artigo num jornal ou fazendo uma conferência sobre turismo; orientando excursões e fornecendo informações das possibilidades de alojamento de turistas no Algarve. Isto sempre numa roda viva pelo seu jardim de «Trinta Leguas» de que fala com verdadeira paixão e perfeito conhecimento. A sua recente exposição sobre os problemas do turismo Algarvio, entregues ao Dr. Paulo Rodrigues, é um documento eloquente que revela o seu acrisolado amor ao Algarve — e atesta o fulgor de uma inteligência de que muito ainda há a esperar.

Em nome de todos os homenageados, o sr. Major Mateus Moreno, tomado de comoção, disse:

«A felicidade — disse um dia Emerson — é um perfume que não podemos derramar sobre os outros sem que algumas gotas nos salpiquem também».

«Não é uma dádiva dos deuses, nem um simples capricho da sorte; — comenta a psicologia moderna — é qualquer coisa que nós mesmos criamos. Tanto ela como a personalidade podem ser desenvolvidas

Continua na 3.ª página

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Bailes da Páscoa

Hoje realizam-se nesta cidade, os tradicionais bailes da Páscoa, no Clube de Tavira e na Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro.

Tribunal Judicial da Comarca de Olhão Anúncio

2.ª Publicação

Por este Juízo de Direito e Primeira Secção de Processos da Comarca de Olhão, correm éditos de Trinta Dias contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando o réu ANTONIO DOS SANTOS BOLAS, casado, agricultor, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Luz de Tavira, comarca de Tavira, para no prazo de Dez Dias posteriores ao dos éditos, contestar, querendo, a acção sumária que Joaquim Casimiro Dias, casado, proprietário, residente na Quinta dos Murtais, freguesia de Moncarapacho, desta comarca move ao referido citando e mulher Gertrudes dos Reis Páscoa, doméstica residente na herdade da Caçapa, Alfundão, pedindo a condenação dos mesmos réus no pagamento da quantia de vinte e três mil e quarenta e nove escudos, custas, selos e procuradoria.

Olhão, 13 de Março de 1964

O Escrivão de Direito

a) Francisco de Oliveira Martinho

Verifiquei:

O Juiz de Direito

a) Manuel Soares Caramujo

Campeonato de Ténis de Mesa

Disputou-se nos dias 21 e 22 do corrente, na Colónia de Férias de Albufeira, o Campeonato Distrital de Ténis de Mesa da F. N. A. T.

Classificou-se em 1.º lugar a equipa da Casa do Povo de Luz de Tavira, que representará o Algarve nos dias 11 e 12 de Abril no Campeonato Nacional em Aveiro.

A equipa é constituída pelos seguintes elementos: Casimiro Mendonça, Jaime Varela e João Luz. Por tal motivo felicitamos a jovem equipa da Casa do Povo de Luz de Tavira.

Assinal o «Povo Algarvio»

CALCINA

O NOVO LIGANTE HIDRÁULICO DESTINADO A ARGAMASSAS PARA ALVENARIAS, EM FUNDAÇÕES E ELEVAÇÕES, E PARA REBOCOS.

PERMITE:

PERFEITA TRABALHABILIDADE
BOA ADERENCIA
AUSENCIA DE FISSURAÇÕES
EXCEPCIONAIS RESISTENCIAS
ECONOMIA

Destinada a embaretecer as construções, a
CALCINA
tem a garantia da Companhia Cimento Tejo,
a melhor fábrica de cimento da Península Ibérica.

Peça informações comerciais e técnicas à

Empreza de Cimentos de Leiria
Rua Braamcamp, 7 — LISBOA

ou aos seus Agentes:

Marcelino Augusto Galhardo
TAVIRA

LEMBRANÇA DE BERLIM

Aí onde a cidade se tingia de cor,
de plátanos de prata,
a seiva escorre, quente,
nas imensas dobras das esquinas,
nas gares intermináveis dos subúrbios,
na luminosa e subtil
arquitectura de cimento.
O nevoeiro aperta os nossos braços exangues,
entre o céu e a água pintada dos lagos.
Berlim, cidade viva de agora,
traz à lembrança as
ainda presentes e cruas cicatrizes da guerra,
enquanto os sinos, chamam ao fim da tarde,
timidamente, por sobre os flocos de neve, e
a azáfama infundável da multidão...
Berlim verde, distante, aguda como um grito,
coração imutável duma Pátria!
Berlim do nevoeiro sempre
nocturno e cintilante,
deslizando nos passos, nos gestos, nos abraços;
Berlim dos imateriais desenhos dos passeios,
lembramos sempre qualquer coisa
imaculada e refráctil,
que se escolha das mãos
como um sonho líquido.

CARLOS ALBERTO JORDÃO



CICLISMO

JORGE CORVO

Campeão Regional do Algarve

No sistema de contra-relógio e na extensão de 108 kms. disputou-se no passado domingo, a terceira e última prova do Campeonato Regional de Independentes, da qual saiu vencedor Jorge Corvo, que assim alcançou o título de Campeão Regional A classificação foi a seguinte:

1.º Jorge Corvo, 2,44,25; 2.º Vitor Tenazinha, 2,46,16; 3.º José Carrasqueira, 2,46,23; 4.º Florival Martins, 2,47,00; 5.º Valério Clara, 2,48,16; 6.º José P. Cavaco, 2,50,51.
Classificação Geral: — 1.º Jorge Corvo, 13,36,40; 2.º José Carras-

queira, 13,37,32; 3.º Vitor Tenazinha, 13,39,04; 4.º Florival Martins, 13,39,25; 5.º Valério Clara, 13,40,41; 6.º José Pedro Cavaco, 13,41,09.

Camp. Regional de Clubes - Independentes

Realiza-se hoje o Campeonato Regional de Clubes - Independentes com o seguinte itinerário:

Faro (partida da estrada de Loulé às 8 horas), Alcançil, Poço de Boliqueime, Alcantarilha, Poço de Boliqueime, Loulé, S. Brás de Alportel, St.º Estêvão, Tavira Olhão e Faro (chegada na estrada de Olhão, junto ao Rádio Naval).

Prova de Preparação

Realizou-se no passado domingo mais uma prova de preparação para as categorias de Iniciados e Juniores, que teve a seguinte classificação:

Iniciados — 1.º João Martins, 2.º José Martins, 3.º João Palma, 4.º Manuel Francisco, 5.º António Machado, 6.º João Antunes.

Juniores — 1.º Eleutério Antunes, 2.º Bernardino Fernandes, 3.º José de Brito, 4.º Henrique Neto, 5.º Manuel Mendes.

TOTOBOLA

29.ª jornada 5/4/964

Nome: «Povo Algarvio»

Morada: TAVIRA

1	Setúbal — Varzim	1
2	Olhanense — Leixões	1
3	Académica — Lusitano	1
4	Barcelense — Sporting	2
5	Porto — Guimarães	1
6	Famalicão — Espinho	1
7	Feirense — Sanjoanen	1
8	Leça — Marinhense	1
9	Boavista — Vianense	1
10	C. Piedade — Atlético	x
11	Oriental — Luso	1
12	Beja — Montijo	1
13	Alhandra — Sacavenen	1

Jorge Cruz

A Emigração

Continuação da 1.ª página

Se a agricultura acusar fraqueza essa fraqueza far-se-á notar na indústria, pois no nosso país mais que em qualquer outro, uma depende da outra.

«Quem não for bom receptor, jamais será bom pagador», é um ditado que se ajeita exactamente ao delicado problema. Se o agricultor vir os seus artigos mal pagos, como poderá pagar bem?

O mal parece estar nas que-les que menos arriscam. E porque não?

Luciano Marcos

ESTE SEMANÁRIO É TRANSPORTADO PARA TODO O PAÍS NOS COMBOIOS DA

